



PAULO LIMA

Alice Vieira
escritora

Foi durante o velório da tia Laura que a felicidade se materializou diante dos meus olhos. – Uma epifania – ia eu dizer à prima Elisa, mas não disse.

Primeiro, porque a prima Elisa era filha da morta e podia não achar graça. E depois porque a prima Elisa não tinha a mais pequena ideia do que era uma epifania.

Por isso limitei-me a esconder o sorriso que rebentava da minha boca, e levantei-me, oferecendo-me para tratar de tudo, saboreando já o que adivinhava estar à minha espera.

Ainda não tinha apagado a mensagem do Nuno e, de vez em quando, relia-a, com aquele doce prazer que dá a vingança premeditada. “Sogra hosp. fim-semana s/ ef.”

Há pessoas viciadas no jogo, na droga, no álcool, no tabaco, na net, no Benfica, no Tony Carreira.

O Nuno é viciado em sogra.

Já me tinham alertado para os perigos de andar com um divorciado. Não por causa da ex, a quem se referem, na melhor das hipóteses, por “aquela cabra”. Mas por causa das sogras. As mulheres passam, as sogras ficam.

Sempre que combinávamos qualquer coisa que saísse da rotina dos almoços, jantares ou cinema – certo

Fim-de-semana em Paris

Em qualquer sítio o vírus da felicidade pode atacar. Sobretudo quando as sogras se metem pelo meio.

e sabido que havia um telefonema do Nuno, em cima da hora, a avisar que tudo ficava sem efeito porque estava com a sogra no hospital. Já perdi a conta às pernas que a sogra do Nuno partiu ou às vezes que a chaleira lhe caiu em cima.

Quando a prima Elisa telefonou a anunciar a morte da tia Laura, estava eu a olhar para o telemóvel, a ler a mensagem do Nuno, que mais uma vez adiava um fim-de-semana em Paris, combinado há muito. Por momentos não soube o que fazer, até que, de repente, decidi ir ao velório da tia Laura – para espanto de toda a família, que sabe bem como sou exímia em arranjar desculpas para lhes escapar. Cada um tem a sogra que consegue.

E foi então que, pelo meio das flores e das coroas que sucumbiam ao peso de tanta saudade eterna, ele apareceu.

Acho que durante muito tempo não consegui tirar os olhos dele, a ponto de a Lurdes me ter dado uma cotovelada, murmurando:

– É o tipo da agência!

E eu: – Quem?

E ela: – O cangalheiro, pá!

Detesto que me tratem por pá, e

talvez por isso desatei a insultá-la, “e então? cangalheiro é gente, ou não será? tem sentimentos! é um ser humano que se deve respeitar!”, aquela treita toda que ensinam as crianças a escrever sobre os pobrezinhos nas redacções de Natal.

A Lurdes encolheu os ombros e afastou-se, e eu disse à prima Elisa que iria informar-me junto do senhor da agência de todas as burocracias que era preciso cumprir, ela que não se incomodasse, que eu tratava de tudo. Mais uma vez a família nem me reconhecia.

Foi nessa altura, ao olhar para ele, que me veio à ideia a palavra “epifania... Milagre, revelação”, qualquer destas também dava.

O cheiro das flores e o calor cá fora também devem ter contribuído para a felicidade me atacar.

Se calhar não era o sítio indicado, mas a felicidade é como o espirro, não tem sítio nem hora. E ainda agora não sei bem o que aconteceu ou o que dissemos um ao outro.

Sei que daqui a umas horas embarcamos para Paris.

Sei que se chama António.

Sei que não tem sogra.

“ Há pessoas viciadas no jogo, na droga, no álcool, no tabaco, na net, no Benfica, no Tony Carreira. **O Nuno é viciado em sogra.** ”